

tradução
safa jubran

dima
wannus
a família
que
devorou seus
homens

FOI ESTRANHO O SONHO que ela teve naquela noite. Eu já esperava um sonho corriqueiro. Toda manhã, nos últimos dois anos, eu escutava os seus passos lentos raspando o carpete da escada de poucos degraus, até chegar à sala onde eu estava sentada no lugar de sempre, tomando café e esperando. Eu não tinha mais o que esperar, mas já me acostumara àquele estado de espera. Antes, não sei exatamente quando, eu esperava eventos específicos, bem definidos, que começavam no início e terminavam num ponto final. Não sei se eu os inventava só para esperar, mas eram bem definidos, mesmo que não fossem acontecer logo depois do ponto. Agora, passei a esperar o que não conhecia; talvez eu esperasse o dia em que pararia de esperar!

Naquela noite, o sonho foi diferente de todos que o antecederam ao longo desses dois anos. Minha mãe contou que viu alcachofras que devoravam umas às outras. Tinham olhos, boca e dentes afiados e fortes. Descrevendo o sonho, levantou as mãos, com os dedos dobrados na posição de ataque, e cerrou os dentes bonitos e bem-feitos, tentando lembrar-se do sonho exatamente como ela o vira. Terminou a descrição com uma careta de aversão, cheia de terror. Perguntei a ela se chegou a ver sangue saindo das alcachofras. Com o olhar perdido, não respondeu. Talvez tivesse esquecido. Não sei por que lhe fiz aquela pergunta. Para diminuir o peso do sonho? Dizem que ver sangue no sonho evita que ele se realize.

Eu parei de contar os meus sonhos faz tempo. Não havia mais lugar para eles com os sonhos da minha mãe. Nossos sonhos já não se completavam como antes, pois a minha memória e a dela não habitavam mais o mesmo lugar. Ela se apoiava no passado; aprisionada nele, vivia absorta, encantada entre as suas paredes. Eu vivia os meus dias à espera. Talvez esperasse o dia em que me libertaria das histórias da minha mãe sobre aquele passado fadigoso. Esperava também deslizar do presente até o futuro. Ávida por devorar o tempo, eu quase não aproveitava o momento, à espera dos momentos seguintes. Aquele sonho era diferente e, apesar da sua crueza, não pertencia ao passado como de costume. Chamava-me a atenção a linguagem corporal que a minha mãe dominava e a sua atuação quando narrava qualquer evento. Se ela não tivesse levantado os braços, dobrado os dedos em forma de ataque, cerrado os dentes e feito a careta de nojo, eu não teria achado o sonho tão cruel. Ela jogava com a memória. Brincava com a região do inconsciente, a dela e a minha. Transformava uma cena trivial em uma cena de terror.

Ela vivia sonhando com o palco. Um dia se cansou desse sonho, que já não era mais possível, e trocou a paixão por representar nos palcos pela paixão de representar os seus sonhos e as suas histórias emocionantes para nós. Eu assistia à sua paixão, contentando-me com promessas secretas que eu fazia a mim mesma: “Vou fazer de tudo para realizar esse sonho para ela”. No entanto, não passavam de promessas absurdas — por meio das quais, talvez, eu me libertasse da culpa. Eu nem sequer tentava! Parei de pensar na promessa de levá-la ao palco e decidi ser seu público. A casa tornou-se um palco com apresentações diárias, que seguiam até a noite. Ela atuava e eu assistia. Verdade seja dita, nem sempre fui

um público paciente e contemplativo, mas a acompanhei o quanto pude, tentando escutar, pensar e registrar na minha memória tudo o que ela dizia.

Minha mãe terminou de contar o seu sonho medonho e, como de costume, continuou me encarando. Seu olhar sempre me constrangia, como se esperasse que eu dissesse algo, sem que eu tivesse o que dizer, não por falta de vontade, mas porque geralmente a conversa já estava encerrada e não havia nenhuma vantagem em retomá-la. Por exemplo, ela me perguntava como eu gostaria de comer o ovo, se cozido ou frito; eu respondia sem hesitação que cozido, mas ela continuava a me olhar bem fixamente nos olhos, perdendo-se neles, e eu ficava sem jeito. Permanecia assim absorta quando conversávamos de banalidades. Não era por pura distração; de modo geral, a coisa vinha acompanhada de lentidão e de uma dose de reflexão que não condizia com aquelas conversas triviais. No entanto, as palavras caíam dos seus lábios com facilidade e leveza quando falávamos de assuntos sérios e fundamentais. Aí, os olhos não se fixavam num determinado ponto, mas passeavam pelo lugar como se dançassem. Minha mãe contava os eventos importantes com uma voz suave e radiante, como se falasse de algo banal, que não deixaria vestígio nenhum na memória, mas exagerava as questões menores e simples, como quando descobria que o sal que ela tinha só daria para a comida de um dia!

Estávamos sentadas no nosso lugar habitual, na pequena sala de estar que se abria e se alongava, empurrando as paredes a fim de acolher sua memória fenomenal. Ela, sentada na sua poltrona cinza, e eu jogada no meu confortável sofá azul, separadas pela mesa de madeira retangular. Diante de mim, um cálice de vinho branco, e diante dela um uísque

com duas pedras de gelo. A fumaça dos nossos cigarros escapava devagar dos lábios e chegava até quase a metade da mesa antes de se fundir e se confundir. Como de praxe, minha mãe sorriu com o canto dos lábios. Minha mãe não esboçava o sorriso todo, nunca o oferecia por inteiro. Apenas o canto esquerdo dos lábios e da bochecha ensaiava um sorriso que podia evoluir para uma risada retumbante. Olhou-me por um segundo fugaz; olhos risonhos, que logo baixaram para o copo de uísque; ela o ergueu com os longos dedos bem-feitos e tomou um gole, depois outro antes de devolvê-lo a seu lugar e então contraiu os lábios por causa do gosto forte. Levou a mão direita ao cabelo cinza, afastando as mechas dianteiras para trás, e depois com o polegar e o indicador limpou os cantos da boca; esperou por um instante antes de levar a mão novamente ao colo como fazia quando estava sentada, a mão direita sempre envolvendo a esquerda. Parecia que ia começar a falar. Pensei que contaria as suas memórias como costumava fazer todas as tardes, mas não. Ela proferiu uma longa frase, porém não demorou muito para concluí-la, apesar de falar devagar e pausadamente, espremendo e mastigando cada palavra, arranjando-as com gosto, como sempre fazia. Até mesmo as letras interdentais, ela procurava pronunciar com exatidão sem deixar escapar nenhuma. Com o tempo, fui observando tais letras e percebi que havia uma única palavra que escapava à sua vigilância: *istithná*, que ela pronunciava *istisná*; no mais, tudo era perfeitamente articulado nas suas conversas com os outros. Naquela tarde, minha mãe proferiu lentamente a longa frase, que atravessou meus ouvidos com a velocidade de uma única palavra!

“Toda noite penso em me matar, mas fico com medo de você se atrapalhar comigo, sem saber como nem onde me enterrar.”

Minha alma estremeceu, senti um cansaço pousando nos joelhos e não conseguia me endireitar, porque não podia mexer as pernas. Lembro-me de que ela não me fitou demoradamente naquela tarde nem se distraiu. Não esperou que eu lhe pedisse que me contasse mais, nem que eu insistisse para saber mais detalhes. Contentou-se com aquela frase, tomou outro gole, como se ela a tivesse deixado escapar da sua alma para, em seguida, fugir para o silêncio e a indiferença. Como se participasse de um jogo. Olhei-a bem nos olhos, suplicando pelo resto da história. Naquele momento, pensei no meu pai. Senti uma falta tremenda dele. Se ele estivesse presente agora, teria escutado comigo e eu não ficaria tão desconcertada, talvez. Saber que outros ouvidos além dos seus estão escutando alivia o peso de qualquer história e faz com que a alma a carregue intuitivamente, sem que se tenha que pedir a ela. Eu sabia que meu pai era o único capaz de carregar metade da história. Havia outros que poderiam fazê-lo, talvez, mas já se foram... todos foram embora.

Vivi quarenta anos apoiada no que herdei do meu pai: o temperamento, o gênio afiado e a teimosia. Todo dia, minha mãe me lembrava de quão parecida eu era com ele. É fácil criar semelhanças. Eu acho agora que ela inventou todas aquelas coisas nas quais me “pareço” com ele, apenas para mantê-lo com ela, para acreditar que não o perdeu completamente, que sua sombra ainda caminhava pela casa por meio do meu temperamento difícil e da minha teimosia. Talvez ela tivesse inventado essa semelhança para me contar histórias que precisava contar na presença dele, para que as dividíssemos, ele e eu.

E eu andava sempre curiosa a respeito da minha aparência, do meu corpo, do cabelo ralo, da pele e de todos aqueles deta-

lhes que minha mãe e eu não tínhamos em comum, nem de perto nem de longe. Sempre me queixava por não ter herdado dela os seios fartos, as pernas torneadas, os dedos finos e harmoniosos. Minha mãe chegou aos sessenta anos com muito cabelo, mas eu... não me atrevo a enfiar os dedos curtos e gordos no meu cabelo, evitando perder mais um tantinho do pouco que tenho. Minha mãe sorria quando eu falava para ela desses desgostos. Olhava para o rosto dela, a pele clara e esticada, enquanto a minha começava a ser desenhada por rugas desde que passara dos trinta. Olhava para seus grandes olhos abertos e os comparava com os meus, pequenos e cerrados.

Em nossa desolação, minha e dela, decidi aprisionar o tempo e documentá-lo. Comprei uma câmera e comecei a registrar aqueles dias pesados. Eu queria me livrar do fardo da sua memória, tornando-a cativa de uma memória separada da minha. Eu, completamente sozinha, decidi trazer para casa alguém que pudesse conviver conosco e dividir comigo a tarefa de escutar suas histórias. Eu precisava de mais um par de olhos nos quais minha mãe pudesse se fixar e de mais dois ouvidos para escutá-la, e assim nos consolaríamos. Decidi comprar a câmera e a convenci da importância de fazer um documentário sobre ela e sua vida. Não estava certa se queria realizar mesmo aquele filme, adiado por anos, mas eu sabia que a câmera tiraria um pouco de peso de cima de mim, já que teríamos na casa alguém que poderia compartilhar a escuta comigo e olhos que, junto com os meus, estariam a serviço do olhar da minha mãe, o que me faria respirar um pouco. Além do mais, a câmera me pouparia de imaginar coisas terríveis e não me daria a chance de mentir, nem de contornar o que minha mãe contaria; não seria possível embelezar nenhuma parte com o auxílio da imagi-

nação e da memória. A história apareceria exatamente como contada, em palavras saídas da sua boca, sem a possibilidade de desmenti-las ou de voltar atrás. Mas, naquela tarde, tudo mudara. Minha mãe pensava todas as noites em cometer suicídio. Eu poderia sair da história, assistir de uma distância razoável. Disse a ela que eu escreveria o que veria na lente e que, se ela não gostasse do que lesse, tudo que tinha a fazer era desistir de mim. Ela deu um pequeno sorriso, mas, apesar disso, uma amargura escapou dos seus grandes olhos. Pensei: “Será que a memória abarrotada aumenta os olhos?”. Então, assim que ela recordava, enxergava, e por isso fixava o olhar no vazio que se preenchia com imagens que ganhavam cor, se estendiam e se ampliavam?

Minha mãe não soube por onde começar a história. Ela, que passara trinta anos da sua vida no palco e diante das câmeras, ficou paralisada. Sorriu para disfarçar seu constrangimento e me olhou nos olhos. Pedi que virasse o olhar para lá, para os olhos da lente. Eu não lhe contei que posicionei a câmera entre nós duas para captar um pouco desses olhares. Sabia que o início não seria nem um pouco fácil, pois por onde se começa a contar a história da alma? Essa história teria um instante inaugural? Temos o que merece ser registrado? Minha mãe me perguntou em várias ocasiões se a história dela merecia todo esse trabalho.

Minha mãe vive seu dia a dia no ritmo do passado. Desde que me conheço por gente, eu a escuto contar histórias. Com ela, eu vivi um tempo diferente do meu. Cresci com duas memórias, uma que pertencia a mim e outra que era décadas mais velha do que eu — e esta passou por muitas fases. Eu ia de bom grado quando ela me transportava para um tempo no qual eu ainda não tinha nascido. Mas, de tanta repetição, fi-

quei confusa: será que vivi com ela aqueles eventos ou apenas os imaginei? Hoje, eu sou uma parte daquele passado recente em cujo ritmo caminhamos. Minha mãe não conta mais as suas memórias remotas, como fazia antes. A memória recente tornou-se a sua conversa cotidiana, e eu vivo essa memória com ela uma e outra vez. Diariamente, vivo a morte, a perda e aquele chão mole e frágil no qual pisamos, perdidas entre passado e presente. Vivo, a cada instante, com a sensação de não pertencer e a saudade do chão de uma casa que é minha, numa rua agradável.

A CHAGHAF LIGOU PARA A MINHA MÃE num dia quente e pegajoso de junho. Contou que os médicos em Arbil aventaram a probabilidade de um infarto. Pediu que ela deixasse a coisa em segredo, e que a mãe dela não ficasse sabendo o motivo da sua ida a Damasco no dia seguinte para fazer outros exames. Naquele dia, eu me despedi do passado do qual eu não fazia parte. Despedi-me dele para sempre. Eu me lembro das feições da minha mãe que se acentuavam a cada palavra e informação adicional proferida pela Chaghaf. Avistei rugas novas abrindo caminho sob seus olhos e um pouco de flacidez também no pescoço delicado e firme. Procurei reconfortá-la recorrendo a toda informação médica que havia coletado ao longo dos anos, por causa do pavor que tenho da morte. Disse a ela que o infarto não dá trégua, vem de repente e mata num instante.

No dia seguinte, minha mãe foi ao aeroporto para receber a Chaghaf. De lá seguiram diretamente para Damasco com o motorista que já as esperava. Não acompanhei minha mãe. Como de costume, eu abrevio o tempo e as emoções, pois temo sentir mais do que posso suportar. Paro na beira da emoção com muita cautela e só me aproximo com passos calculados que me previnem do que a minha alma não consegue assimilar. Já minha mãe sempre busca mais dessas emoções fatigantes. Larga sua alma nos instantes mais cruéis, deixa-se levar na história sem se importar com o medo. Até

mesmo a minha forma de dar uma notícia ruim é diferente da dela. Quando estou prestes a transmitir uma dessas notícias, fico absorvida com os sentimentos que reviverei. Movo o olhar de um lugar para outro, hesitante, confusa, fazendo a notícia parecer uma adivinha. Minha mãe, que não se incomoda com a emoção, acompanha minha confusão e a conversa fica ridícula.

- Mamãe, sabe quem morreu?
- Quem? Alguém que eu conheço?
- Sim.
- Conheço muito ou pouco?
- Muito.
- Alguém da família?
- Não.
- Amigo?
- Sim.
- Mulher ou homem?
- ...
- Estava doente?

E, assim, eu via que a conversa entraria numa etapa cômica. Ela me perguntaria se era alto ou baixo, gordo ou magro, a cor dos olhos... Cabelo liso ou crespo? Lavava o rosto de noite como ela fazia, ou nem ligava para isso? Se fosse homem... ele urinava deixando respingos na tampa plástica do vaso, ou era organizado e limpo, não sentindo sua masculinidade ameaçada se urinasse sentado como as mulheres? Essa vagareza em dar as notícias ruins me dava segurança, como quando entrava na água. Desde pequena, nunca tive coragem de entrar na água de uma vez, com medo do frio. Sempre o medo de sentir mais do que podia aguentar. Entrava em etapas e, a cada uma, imaginava a mesma cena, que, quando

meu corpo inteiro estivesse dentro da água, o tempo reservado para a natação já teria se esgotado. Tocava na água em prestações, sentava-me na beirada dos degraus. Mergulhava o dedão, sentia a água gelada e, segundos depois, mergulhava a perna sem chegar ao joelho, depois virava o corpo e segurava o corrimão e seguia descendo aos poucos, bem devagar, indiferente ao olhar das mães das crianças que ficavam agrupadas, me esperando entrar na água; mas nunca foi simples para mim — tenho medo de sentir de uma vez só.

Minha mãe não conhece esses sentimentos vagarosos, não teme o seu transbordar nem que ela os transborde. Olhava para mim, bem dentro dos meus olhos, e se perdia. Sorria um pouco mais do que o sorriso, os dentes brancos perfeitos apareciam, depois ficava com os olhos marejados, e logo as lágrimas jorravam; os lábios permaneciam com a mesma posição do sorriso, porém o aperto na garganta a obrigava a tensionar os lábios cheios e rosados. Enquanto isso, eu me ocupava do medo de sentir. Eu pedia a ela que não me contasse, dizia que eu não queria saber. Se ela ensaiasse falar, eu levava as mãos aos ouvidos e os tapava, como se o fato de não ouvir a notícia a impedisse de acontecer, a anulasse. Por que transmitimos as notícias da última partida? Se não soubermos, evitaremos esses sentimentos. Essa ideia me espantava. A morte só se realiza ao se ter conhecimento dela. Escuto muitos dizerem que temem morrer sozinhos em sua casa, numa distração de quem os ama, sem que ninguém fique sabendo da sua morte! A morte só se realiza completa e inteiramente no ato de se saber dela. E eu não quero saber. Tapo os ouvidos, assim as palavras da minha mãe ficam mudas, sem som. Vejo seus lábios se moverem, seus olhos choverem, mas não escuto nada. Não quero escutar.

Eu não fui com ela até o aeroporto, naquele dia quente e pegajoso de junho, e perdi para sempre a sua memória que até então era a minha. Minha mãe voltou do aeroporto uma outra mãe e eu tive que conhecê-la de novo. Ela tem a capacidade de se transformar completamente. Sua alma, flexível e maleável, dorme num estado e acorda noutra. A alma é mais forte que o corpo, ela expande seus traços sobre o corpo, que se adapta a ela e acompanha suas mudanças. Naquela vez, também, eu tive que conhecê-la de novo, calcular as vezes que ela chorava e ouvir o transbordar de suas lembranças com a Chaghaf. Minha mãe não tem medo dos sentimentos; ela chega na frente deles, mergulha na tristeza e vive o luto antes de a hora chegar, mas eu o adio para depois de sua hora e por anos até. Na verdade, eu não o vivo de modo nenhum. Talvez nem o adie, mas sim o anule por completo. Minha mãe, que não estudou artes cênicas, mas foi, um dia, estrela de televisão e de teatro, domina o ofício tanto na vida como na arte. Não sabe sintetizar seus sentimentos, evitando que eu experimente mais do que quero experimentar. Como um filme que resume, em uma hora e meia, uma vida inteira, minha mãe representa os sentimentos, sabe como espalhá-los e como se demorar nos seus mínimos detalhes, fazendo-me viver com ela, em duas horas, uma memória completa sem nenhuma falha.

Ela entrou em casa de cabeça erguida, como de costume, as costas eretas como as de uma jovem de trinta anos. Como se fosse eu. Eu, que estava jogada no sofá, as costas curvadas, os ombros caídos, morrendo de medo, como uma mulher de setenta anos. Como se eu fosse ela. Apenas os olhos confessavam a idade verdadeira, por causa do tempo, que, com requinte, foi mudando o jeito dos nossos olhares. Ela se sen-

tou diante de mim como sempre, naquele salão amplo da Rua Clemenceau. Abriu o maço de cigarros Kent, acendeu um, deu uma boa tragada e jogou a fumaça na minha direção, como de costume. Olhou-me fixo nos olhos e sorriu. Eu só queria tapar os ouvidos, numa tentativa de me proteger do medo dos meus sentimentos. Não queria ouvir. Conhecia bem aquele sorriso e o distinguo dos outros que antecedem os momentos de alegria. Era um sorriso amargo vindo do fundo da alma, do lugar mais remoto da memória. Um sorriso furtado de outro tempo, de trinta ou quarenta anos antes. Minha mãe tem o dom de guardar os sentimentos e armazená-los ao longo dos anos. Desembainhou da sua juventude um determinado sorriso — imaginei ser o mesmo que ela deu naquele instante longínquo, portando os mesmos sentimentos, sem mais nem menos. Seus lábios, junto com a memória, retornaram àquele instante, do qual tomaram emprestada a exata largura do sorriso. Sacudiu a cabeça e ensaiou um choro. Na verdade, eu não precisava ter ido com ela para ver a cena, para recordá-la, fresca e respirando como se a tivesse vivido, segundo por segundo. Bastava a minha mãe me contar os mínimos detalhes, do seu jeito, com aquele corpo que fala, para que eu a acompanhasse e presenciasse o que, na realidade, não presenciei. Recordo que a Chaghaf, naquela manhã, estava amarela. Não recordo, mas imagino o que minha mãe me contou. Estava toda amarela; sua pele, sempre pálida, ficou amarela. E sobre o branco dos seus grandes olhos amendoados verteu-se um amarelo. Minha mãe, naquele dia, falou do amarelo até o ponto em que me fez imaginar que o cabelo curto da Chaghaf, colorido com tons estranhos, havia ficado amarelo. A Chaghaf, a quem eu chamo de “dengosa” da família, pintava o sete ao pintar os cabelos. Ora era prateado,

ora azul, ora verde — chegou até a pintar algumas mechas de cor de rosa. Mas hoje está mudando para o amarelo — foi assim que eu imaginei. A Chaghaf ria quando eu a chamava de “dengosa”. Ria, depois apertava os lábios grossos, tentando disfarçar sua alegria, como se o apelido nada tivesse a ver com ela, mas eu sabia muito bem que tinha.

Apenas um ano antes daquele dia amarelo, a Chaghaf estava diante de nós no amplo salão na Rua Clemenceau. Eu estava deitada no mesmo sofá, minha mãe sentada diante de mim, como de costume, e a tia Marianne bem no meio do sofá comprido. A Chaghaf estava pronta para sair para um encontro noturno com amigos sírios que se reuniram em Beirute por alguns dias vindos de Dubai, do Cairo e de Paris. Usava um short curto e largo, que encontrou no meu guarda-roupa — e que eu costumava usar depois que dei à luz meu filho, tentando esconder mais de vinte quilos que ganhara naquela época —, um suéter leve e apertado, exibindo seus seios enormes, e uma sandália de salto muito alto, que dava a impressão de que suas belas pernas eram mais compridas. Ela anunciava sua chegada ao lugar antes do seu corpo aparecer por inteiro. O som de chocalho precedia seus passos. Gostava de usar ornamentos que fazem sons, como o *khulkhal* que usava na perna direita, acima do pé miúdo e delicado, de dedinhos perfeitos. Um colar de prata no pescoço descia até a linha que separa os seios firmes. Usava poucas ou muitas pulseiras — não importava, pois o barulho que faziam não permitia distinguir se eram uma ou dez — e dois brincos longos, dos quais pendiam pequenas pecinhas que tilintavam, também anunciando sua chegada. Lá estava ela, de pé na nossa frente, cheia de balangandãs, com a mão na cintura e um dos ombros erguido com graça. Minha tia

Marianne lançou-lhe um olhar demorado e, sem esconder sua reprovação, indagou: “Tem alguém com cinquenta anos que se veste assim?”. A Chaghaf sorriu — naquele momento, parecia transpirar dengo, que pingava de seus poros e ia na nossa direção — e retrucou: “Pura inveja, tenho cinquenta anos e as pernas mais belas de toda a família”. Lembro que, naquele instante, parei na parte da frase que dizia “toda a família”. Não éramos mais que seis mulheres. Bastam seis mulheres para “toda a família”? A Chaghaf saiu, deixando para trás o sorriso da minha mãe — que não pude decifrar naquele dia —, o aborrecimento da minha tia Marianne e os meus pensamentos sobre a família e suas mulheres.

Tranquilei a minha mãe. Doenças cardíacas não deixam a pele amarela. “É icterícia.” Desalentada, minha mãe balançou a cabeça. Sorriu para mim aquele sorriso que brotava da dor e se perdia nos meus olhos. Eu sei que, naqueles momentos, ela não olhava para mim, mas para o vazio. A necessidade da minha mãe de olhar para o vazio era provocada pelos olhos de quem estivesse sentado com ela, e não por uma parede, por exemplo. Ela derramou toda a força do seu olhar nos meus olhos, o que me deixou desconcertada, mas eu sei que ela não esperava nenhuma reação da minha parte. Meus olhos eram o próprio vazio naquele momento. Eu sabia que a Chaghaf era um pedaço da alma dela. Minha mãe tinha dezessete anos quando a minha tia deu à luz sua primeira filha, a Chaghaf.